

Por um Natal em Brasília com menos artificialismo e mais calor humano

Márcio Cotrim

Pesquisas recentes revelam que a maioria das pessoas residentes em Brasília gosta mesmo é daqui. Verdade, mas ainda há gente ranzinza que diz detestar a cidade e que, em qualquer feriadão, foge desabaladamente em busca de calor humano...

Como as festas de fim de ano estão chegando, esse pessoal já afivela as malas.

Vale a pena comentar o fenômeno. Afinal, o que vai encontrar, longe daqui, tão apressada turma? Que coisas Brasília não tem condições de oferecer?

A propósito, falemos do Natal. Neste caso específico, é consenso cada vez mais pacífico que passá-lo em Brasília é serena opção familiar. Já vai longe o tempo em que uma multidão de desafetos da cidade revirava os olhos, se abanava e batia na madeira só em ouvir falar na hipótese de passar aqui o Natal — ou o Carnaval, ou a Semana Santa, datas assim. Nossos ouvidos eram então ocupados por uma cansativa arenga que acaba transformando-se em feroz comício contra Brasília.

É claro que em certas ocasiões o lógico é estar no lugar "quente". O Carnaval é caso típico. Mesmo tendo virado um espetáculo de Sodoma e Gomorra — e talvez por isso mesmo... —, não há quem prefira o desfile de sambistas locais numa pobreza de cenário, o esganiçado de músicas pírias, grotescos ajuntamentos sem a mínima coordena-



ção, a acompanhar, ao vivo, o deslumbrante panorama do Sambódromo carioca.

No Natal, entretanto, dá-se algo muito diferente. Tanto faz lá como cá, eis o óbvio ululante. Conventhamos, o Natal é o encontro da família, esteja ela onde estiver, seja reunida num barracão ao pé da serra de Tumucumaque, seja aquecida ao calor da lareira do mais sofisticado castelo do vale do Loire.

Sair de Brasília no Natal a pretexto de "fugir da cidade" é atitude primária, ridícula e insensata que só serve para identificar não apenas os que estão de mal com ela mas, sobretudo, aqueles que estão de mal com seus semelhantes, com o mundo, com a vida, enfim.

Em termos rigorosamente racionais, não faz diferença ir ou vir, a distância é a mesma. Mas, só para desempatar a pendenga, há condições a nosso favor

que tornam melhor o Natal de Brasília. A única exceção nesse contexto, passível de discussão, se aplicaria a pessoas que não possuem parentes aqui e se deslocam para suas cidades de origem, onde encontrarão suas famílias. Mas, se o problema é irem, dois ou três, ou virem para cá igualmente dois ou três, desaparecem as dúvidas.

De fato, o parente aqui desembarcado para o Natal verá quadro semelhante ao de sua cidade. Os mesmos papais noéis e o mesmo clima artificial natalino que nos assola todos os anos.

Artificial sim, porque são risíveis as imagens de país que não somos. Flocos de algodão imitando neve caindo dos céus do Tucuruvi ou da Ceilândia, renas puxando trenós pelo asfalto da rua do Ouvidor ou da Avenida Central de Taguatinga, toda uma paisagem alpina exibida a consumidores per-

plexos em tangas e sungas, suando por todos os poros!

Isto, sem falar na grotesca oferta de nozes, ave-lãs e castanhas nos balcões de Lidador, no Rio, e nos da Casa Ouro, em Brasília. Elas são comidas, e com muito gosto, em Oslo ou no Maine, enquanto neve de verdade cai lá fora, mas aqui, francamente, é algo que só retrata nossa triste macaquice.

Melhor seria se colocássemos à mesa na ceia de Natal bons abacaxis, saborosas uvas e dulcíssimas mangas, numa refeição tropical e autêntica que em nada agrediria o verdadeiro espírito do Natal. Mas, infelizmente, parece que não adianta. A tradição está firmemente estabelecida e as vendas continuam, apesar dos preços obscenos desses produtos estrangeiros, próprios para consumo no Hemisfério Norte. Essa aberração acontece, é bom notar, tanto na

mesa pernambucana como na brasiliense. Mais uma vez, como se vê, sem qualquer diferença. Tanto faz, tanto faz.

O parente que chegar de fora também não terá surpresas ao fazer compras de Natal. Ao entrar nas lojas, encontrará os mesmos rostos sem expressão, balconistas atônitos de olhar parado, roupa ensopada, gravata no umbigo. Distantes da euforia hipócrita criada pela anódina sonoridade que emana da abominável harpa de Luís Bordón e das surradas notas de "Jingle Bells", eles atendem a uma clientela aflita até o limite do horário comercial permitido, quase no início das primeiras orações da Missa do Galo.

Acontece a mesmíssima coisa nas suas cidades de origem. Transeuntes se acotovelam diante das vitrines para gastar o dinheirinho que nem têm no bolso. Mas, afinal, comprar é preciso e ai de quem não adere à frenética onda de consumo em massa que se instala na mente de cada um. Ficar de mãos abanando no dia da festa, nem pensar, então é se empanturrar de bugigangas e se já lá o que o Menino Jesus quiser.

Ora, se assim é, por que não reunir a família aqui se mesmo? Pais, primos, tios, avós e avós logo notarão a imensa diferença: além de reverem os parentes, estarão numa cidade linda, calma, segura como nenhuma outra, um grande parque onde a vida passa sem sobressaltos e à noite se acende a mais filigrante iluminação de que se tem notícia.

Pela necessária paz natalina que aqui respira, pelo encantamento do horizonte que emociona brasilienses e forasteiros, pela oportunidade do encontro tranquilo com aqueles que nos querem bem, é melhor não só ficar em Brasília no Natal, mas também atrair para cá os parentes e os amigos.

A reflexão pode até ser considerada bairrista e, de fato, não deixa de ser — no seu melhor sentido. É que ela busca repartir com mais irmão a alegria de viver e de conviver. Não é uma proposta generosa e de amor, perfeita para o Natal?

COLABORAÇÕES: As colaborações para esta página (artigos, cruzadas, tiras de quadrinhos e charadas) podem ser enviadas para o CORREIO BRAZILIENSE — CADERNO DOIS, Setor de Indústrias Gráficas, lotes 600/650, CEP 70610, Brasília-DF. Os artigos devem ter em torno de 70 linhas datilografadas e as cruzadas devem ter diagramas de, no máximo, dez quadros horizontais e 15 quadros verticais.